



os lugares comuns

UM ADEUS DE PORTINARI

UM perpassar de ave humilde no terreiro — ou: uma criança envelhecida por golpes de vento e pelas lâminas rubras do sol nordestino... É assim que se me representa Portinari no seu atelier de vastas paredes.

No chão, papéis espalhados, casa sem móveis, deserta. Um grande vento, de facto, uma rajada definitiva parecia ter passado por aquela oficina sem quadros e agora, falando comigo, procurando um copo, uma bebida, Portinari andava ao acaso, pássaro desorientado na solidão de um terreno que conhecia mas que, apesar disso, lhe era estranho. «Sombra — chamou-lhe Carlos Drummond de Andrade —, uma sombra que às vezes nos espia tão de perto que a confundimos com um corpo». E também era isso: sombra, ave minúscula, ciciando, não falando. E criança-velha, com uns olhos do mais puro azul derramados por trás das lentes grossas. Depois tinha letra de criança. Riso de criança, corado de rugas.

MAIS tarde, na sua casa do Leme, comendo feijoada e olhando a baía, do outro lado da rua, era ainda esse traço infantil que o marcava. Pintor dos *Meninos de Brodóski* ficou como eles, ao fim de mais de meio século de vida: solto, pronto na alegria e na sinceridade da explosão. De repente discreto, o tal pássaro, a tal sombra. De repente silencioso, mostrando desenhos no minúsculo quarto ao lado da sala onde às vezes pintava. E de novo caloroso, todo gestos, quando atacava a política que se serve da literatura e os es-

Pintar um poeta, quando se tem da literatura uma ideia exigente e actualizada como Portinari, é — penso agora — uma forma depurada de análise, uma reformulação das relações entre o ser vivo e a obra que ele criou; um entrecruzar das linhas

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

de verso nas linhas do rosto. A biografia, afinal, onde cabem os sinais mais agudos da poesia da personagem.

Cândido Portinari fez isso, biografou poetas. Com prazer, como quem lê outra vez. Pintar, para ele, era uma necessidade de se entender, tanto como de entender os outros, e nesta dialéctica, igualmente comum ao romancista que escreve sobre o próximo, e se descobre também a si mesmo, neste movimento centrou-se, ao fim de tudo, a solidão de que tanto falaram os

(Continua na 2.ª pág.)



critores que se servem da política. Ou quando exaltava Graciliano Ramos, prosador agreste, aliado ao gume, e falava dos poetas — sobretudo quando falava dos poetas. É como se o esteja a ouvir:

«Entendo-me melhor com os poetas do que com todo o pessoal do mundo. Essa de serem gente difícil é calúnia...» E vieram lembranças de Vinicius, de Mário de Andrade, de Carlos Drummond e de outros que ele conhecia do verso, da amizade e por outra via mais rara do que todas: pintando-os.



os lugares comuns

(Continuação da 1.ª pág.)

seus cronistas. Para a vencer não bastava a companhia da família e dos amigos, nem a glória que lhe corou os dias. Era preciso pintar, correr no seu passo miúdo de ave desgarrada por longas superfícies de cor — à escala do Brasil. «Se — observou um dia Lins do Rego — lhe viessem dizer: Portinari, não há mais pintura, ele diria: Então vamos morrer».

Lins do Rego teve o presságio dos romancistas que conhecem o homem. Proibido de pintar depois de um primeiro envenenamento provocado pelo óxido das tintas, Portinari não se resignou. E, assim, morreu na oficina, anos depois, e pintando. E eis porque foi um homem feliz, digno de inveja na sua coragem.

Hoje recordo-o na minha última visita à sua casa, no Leme. Tenho aqui, sobre a mesa, duas folhas dactilografadas que trouxe de lá e uma homenagem de Drumond de Andrade publicada num álbum póstumo. Daí que pense em ambos, no poeta e no pintor, amigo de poetas.

Repito, pois, para mim mesmo coisas ouvidas e recupera-

das à memória, lembranças visuais, imprecisas, desligadas. A baía, a avenida que se descobria para a ponta de Copacabana, os enormes papagaios de criança pairando sobre o areal... Mas, entre todos, há um momento que quero fixar dessa tarde de despedida quando, para surpresa minha, Portinari me leu alguns poemas que escrevera. Esforço-me por reve-lo nesse instante e não consigo: estranha-

mente, a imagem escapa-se-me, dilui-se. Sei apenas que, como era simples no dar, ele próprio me propôs que trouxesse uma cópia de dois deles como recordação mais pessoal. E que são estas duas folhas dactilografadas que tenho ao meu lado. Mais nada.

Em todo o caso penso que está tudo nelas: infância e solidão, candura, anseio de comunicar. Portinari, a pintura...